

Corpo, desejo e afeto em “Boa sorte, Leo Grande (2022)”, um filme de Sophie Hyde

Body, desire and affection in “Good Lucky to You, Leo Grande (2022)”, a film by Sophie Hyde

ARTHUR FIEL

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (PÓSCOM) da Universidade Federal do Espírito Santo. Doutor em Comunicação (PPGCOM), Mestre (PPGCINE) e Bacharel em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1468-5958>; E-mail: arthur.fiel@ufes.br

SANDRO ARAGÃO

Doutorando em Ciência da Literatura (PPGCL) na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Literatura Brasileira e Teoria Literária (PÓSLIT) pela Universidade Federal Fluminense. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1215-3181>; E-mail: sandruaragon@gmail.com.

RESUMO

Neste trabalho ensaístico, buscamos refletir, a partir do filme *Boa sorte, Leo Grande* (, da diretora Sophie Hyde, como a relação entre corpo, desejo e afeto aparece no longa e se imbrica na troca que as personagens Leo Grande e Nancy Stokes têm entre si, partindo de seus diálogos, dos textos corporais enquadrados pela câmera e de todos os outros elementos que compõem a obra. Para tal, partimos da análise fílmica (Vonye; Golliot-Lété, 2008) para tomarmos por base de reflexão crítica as contribuições de Byung-Chul Han (2017; 2019), com suas concepções de afeto e poder; Paul B. Preciado (2017; 2022) e Michel Foucault (1988), tendo como mote suas reflexões sobre o corpo; além da perspectiva de Judith Butler (2016) quanto ao que concerne à *performance*, entre outros teóricos. Assim, dividimos este ensaio em quatro partes, seguindo a ordem dos encontros estabelecidos entre os protagonistas, utilizando-nos de um movimento de escrita que busca engrandecer-se à mesma medida que as tensões estabelecidas nos arcos/encontros do filme em análise.

Palavras-chave: Boa sorte, Leo Grande; Afeto; Leo Grande; Desejo.

ABSTRACT

In this essay, we aim to reflect on how the relationship between body, desire, and affection is portrayed in the film Good Luck to You, Leo Grande, directed by Sophie Hyde, and how these elements intertwine in the exchange between the characters Leo Grande and Nancy Stokes. Our analysis is based on their dialogues, the bodily expressions framed by the camera, and all other components that make up the film. To achieve this, we begin with a film analysis (Vonye; Golliot-Lété, 2008) and then we critical reflections from Byung-Chul Han (2017; 2019) on affection and power; Paul B. Preciado (2017; 2022) and Michel Foucault (1988) on their reflections on the body; as well as Judith Butler’s (2016) perspective on performance, among other theorists. Thus, we divide this essay into four parts, following the order of the encounters between the protagonists, employing a writing approach that seeks to grow in intensity in parallel with the tensions established in the arcs/encounters of the under analysis.

Keywords: *Good Luck to You, Leo Grande; Affection; Leo Grande; Desire.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O filme *Boa sorte, Leo Grande* (2022), dirigido por Sophie Hyde, narra sobre a relação de duas personagens: Nancy Stokes, interpretada por Emma Thompson, e Leo Grande, interpretado por Daryl McCormack. Quase toda a trama se passa dentro de um quarto reservado pela protagonista para a prestação dos serviços sexuais oferecidos pelo personagem que dá nome ao filme. O encontro, que inicialmente parece ser apenas uma relação para dar espaço ao desejo de uma mulher mais velha por um rapaz mais jovem, se torna mote para reflexões e diálogos acerca do desejo, do afeto e do corpo, perpassando lugares que põem em questão gênero, classe e sexualidade.

Antes de iniciarmos a análise do filme, acreditamos que caiba fazer alguns apontamentos que julgamos ter importância. O primeiro tem a ver com o fato de que nosso olhar, metodologicamente, partirá do texto para pensar, então, a imagem e todos os outros elementos que formam o cinema: texto, imagem e som em movimento. Dizemos isso porque, nesse caso, nosso papel como analistas de um filme não dá conta de trazer ao texto a completude do que vemos na tela: quando escrevemos sobre uma obra literária utilizamos o texto para falar do texto, mas ao escrever sobre um filme, o texto parece não permitir que tragamos ao *paper* elementos que só a imagem e o som exprimem como sentido. Sendo assim, tomamos como base o livro *Ensaio sobre a análise fílmica* (2002), de Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété, no qual tais autores expõem e refletem sobre métodos de análise/crítica fílmica a partir de ferramentas que auxiliam e flexibilizam esse trabalho que traz, em sua feitura, algumas particularidades e dificuldades próprias ao trabalho da análise e do analista. No nosso caso, de forma dupla: as do crítico de literatura que se propõe a analisar o filme-texto e as daquelas que pertencem em essência ao do crítico de cinema.

Desta maneira, nossa análise de *Boa sorte, Leo grande* irá se centrar principalmente no que a imagem, o som, os enquadramentos, e o roteiro trazem como texto a ser lido pelo olhar e pela audição. Nos símbolos criados por estes e como eles incidem em uma perspectiva que perpassa o desejo, o afeto e, sobretudo, o corpo, subvertendo sentidos e proporcionando outras leituras para o que se é esperado da relação de desejo, e afeto, entre uma mulher mais velha com um rapaz mais jovem, e o contrário também — sem perder de vista o contexto de prestação de serviços. Como base, tomamos como aporte teórico, principalmente, Byung-Chul Han (2017; 2019), Michel Foucault (1988), Paul B. Preciado (2019; 2022) e Judith Butler (2016), além de outros teóricos, no intuito de nos auxiliarem a refletir nessa empreitada crítica. Nesse sentido, objetivamente, o nosso trabalho se pauta em um estudo bibliográfico e de crítica de cinema, tomando como base, principalmente, as áreas da filosofia e das ciências sociais.

O ensaio foi dividido em quatro partes, organizado por arcos/encontros, seguindo a linha cronológica do filme. É fato que, como poderão perceber, optamos demasiadamente por um suporte descritivo das cenas, na tentativa de dar conta de trazer ao texto, e ao leitor, as imagens necessárias para dar sentido às reflexões que buscamos fazer nesta análise. As citações diretas ao filme, compostas pela descrição das cenas e das falas, foram todas feitas por nós, tendo em vista que, apesar de uma longa pesquisa — tanto com o título traduzido quanto com o original —, não encontramos o roteiro original^[1] disponível para leitura na íntegra. Por fim, finalizamos o ensaio com algumas considerações, comentando de forma geral as percepções que tivemos, a partir do aporte teórico supracitado, sobre a obra fílmica.

1º ENCONTRO OU 1º ARCO: O INÍCIO

Logo nas primeiras cenas, que compõem o primeiro arco da história, nós vemos Nancy e Leo Grande enquadrados de costas, trazendo aos olhos de quem assiste à sensação de que existe uma tensão e uma solidão: seja por conta do enquadramento, da forma como o cenário é apresentado e/ou, sobretudo, pelo modo como os corpos aparecem enrijecidos na fotografia fílmica.



FIGURA 1: Leo Grande.

Fonte: Boa sorte, Leo Grande, 2022, 54 seg.



FIGURA 2: Nancy Stokes.

Fonte: Boa sorte, Leo Grande, 2022, 1min03seg.

Esse sentimento se dilui conforme os personagens começam a se movimentar pelo cenário, mas volta a partir do momento em que os dois se encontram no quarto de hotel. A falta de vida, principalmente por parte da protagonista, fica evidente desde o momento em que Leo Grande entra no quarto, de modo que seu discurso, o de Nancy, permeia um lugar de “autodesvalorização”. Vejamos a cena em questão transcrita:

Leo Grande entra no quarto, se próxima de Nancy e faz a seguinte pergunta:
 — Posso beijá-la no rosto?
 A protagonista expressa, em seu rosto, uma surpresa, e rapidamente responde:
 — Sim, tudo bem.
 Leo a beija e sente seu cheiro. Expressão terna da personagem.
 — Que perfume delicioso!
 — Obrigada.
 — O que é?
 — Gabrielle, Chanel. Nigella Lawson usa esse.
 — Ah, Nigella. Tão sexy.
 Nancy demonstra, em sua face, uma expressão de estranhamento. Leo Grande, então, a questiona?
 — Não concorda?
 — Sim! Não, eu estava esperando você dizer “sexy para a idade dela”. Quando é uma mulher mais velha dizem que é “sexy para a idade dela”. Estava esperando dizer isso.
 — Oh, Certo. Nigella é empiricamente sexy em qualquer idade. (Boa sorte, Leo Grande, 2022, 3min43seg - 4min10seg)

A protagonista, ao esperar o complemento no elogio feito pelo personagem à jornalista Nigella, revela sua percepção sobre como as outras pessoas veem uma mulher mais velha, como também revela o olhar condicionado que ela tem sobre si mesma. Essa autopercepção depreciativa, inclusive, continua a aparecer no decorrer da cena — e em outras partes da obra durante o desenvolvimento da história —, tomando uma dimensão mais clara e mais sensível. Um bom exemplo para ilustrar essa afirmação é quando Nancy pergunta, envergonhada, se Leo Grande havia recebido o pagamento. O protagonista, seguro, a responde que sim, deixando claro que não havia nada de errado em receber por seu trabalho. Logo em seguida, Nancy lhe pergunta se ele não se sentia humilhado, se já havia tido alguma experiência com alguém que não lhe causasse desejo. Ainda com uma postura segura, o personagem afirma que não. Todos esses questionamentos, em um primeiro momento, nos fazem acreditar que se trata de um olhar moralista referente ao trabalho desempenhado por Leo Grande — e, em nossa leitura, entendemos que também tem a ver com essa questão —, mas era, sobretudo, perguntas que se relacionavam diretamente à insegurança de Nancy quanto a não se ver como alguém desejável aos olhos de um outro qualquer. Ao perceber a insegurança da personagem, Leo lhe dá um beijo e a pergunta se quer mais *champagne*. O enquadramento foca no rosto e na expressão da personagem, e a vemos confusa, sem reação diante da ação do rapaz.



FIGURA 3: Nancy Stokes.

Fonte: Boa sorte, Leo Grande, 2022, 8min21seg.

Ela o olha, desconfiada, como quem não sabe se o impulso do beijo havia se dado por desejo ou apenas por ele estar prestando um serviço. A cena segue e ela expõe inquieta que gostaria que eles iniciassem logo a relação sexual, para que acabassem rápido com “aquilo”. Leo Grande desconversa e busca conhecer mais sua cliente: a partir de então descobrimos que a personagem nunca teve um orgasmo, além do fato de que sua única experiência sexual havia sido com seu falecido marido. Nesse momento, o moralismo, os ataques indiretos ao jovem irlandês e ao papel profissional que ele desempenhava começam a fazer sentido, não por Nancy ser uma pessoa ruim ou mal-intencionada, mas porque todo o juízo de valor exposto por ela até então parecia estar ligado ao medo de perceber e assumir o seu próprio desejo. Os dois caminham até a cama para dar continuidade à relação, mas a protagonista interrompe o momento por conta de sua insegurança: expõe ao Leo Grande que não havia problema caso quisesse usar a “pílula azul” para ajudá-lo no desempenho, deixando claro que ela imaginava que talvez ele não pudesse se excitar por ela sem a ajuda de medicamentos. Ele afirma não ser necessário, pois, para ele, todas as pessoas teriam algo que as tornam desejáveis e atraentes. Ainda sem acreditar no rapaz, ela pergunta qual a idade da pessoa mais velha a quem ele prestou seu trabalho: “oitenta e dois anos” (Idem, 2022, 15min), ele responde. Nancy se mostra muito surpresa, quase como que em choque, e então lhe pergunta o que em seu corpo o atrai. Em uma cena com grande teor poético e sensível, vemos no enquadramento Leo Grande passar a mão delicadamente pelas partes que diz gostar do corpo de Nancy.

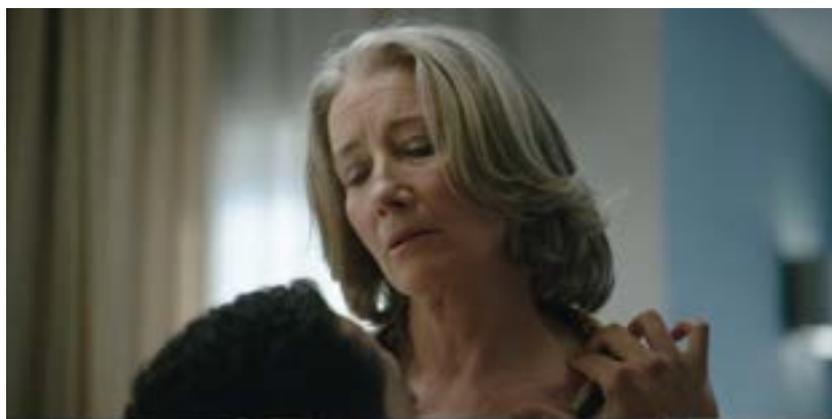


FIGURA 4: Nancy Stolkes e Leo Grande.
 Fonte: Boa sorte, Leo Grande, 2022, 15min54seg

Nesse momento sentimos o corpo dos dois se desarmarem, mas, a protagonista, ao se dar conta, faz um corte abrupto àquilo que sente e diz que precisa se arrumar, pegando as malas e entrando rapidamente no banheiro. Enquanto a aguarda, pela primeira vez na narrativa, percebemos que Leo Grande, ao contrário da construção de seu discurso, também tinha inseguranças com seu corpo e com sua autoimagem, pois, enquanto aguarda a personagem, reflete sobre como seu corpo deveria estar para quando Nancy saísse, de modo que parecesse mais atraente. Por conta da demora, a personagem decide tomar algo e comer um chocolate, coincidindo com o momento em que a protagonista sai do banheiro. Ele se aproxima para beijá-la no rosto, mas Nancy recusa, informando-o que acha o cheiro de chocolate desagradável. Aqui existe uma questão que gostaríamos de abordar com mais atenção, e, para tal, vejamos a seguinte transcrição de cena:

Leo Grande sai do banheiro. Nancy percebe que tem uma etiqueta na camisola e a esconde. Leo Grande vê, se aproxima, pega a etiqueta e comenta:

— Muito legal.

Nancy se mostra envergonhada.

— Mudei de ideia de novo. Não quero fazer isso. Desculpe por ter perdido tempo. Vou pagar mesmo assim. Pode se vestir e ir embora.

Leo grande se senta e pergunta:

— Isso não é por causa do chocolate, certo?

— Não, não é por causa disso.

— Não me acha atraente?

— Não seja ridículo. Você claramente é... esteticamente perfeito e bastante gentil.

— O que imaginou que aconteceria? Por que me contratou se não queria?

— Eu não sei. Um momento de loucura, talvez.

— Sempre tem momentos de loucura assim?

— Não.

— Costuma tomar decisões racionais?

— Sim.

— Então por que isso seria diferente? (Boa sorte, Leo Grande, 2022, 18min47seg - 19min20seg)

Nessa cena, Nancy se arrepende de ter contratado o rapaz e pede que ele vá embora. Apesar de se considerar uma pessoa racional, ao se ver diante de seu desejo, para aquilo que suas escolhas não dão conta de conter, a personagem se sente amedrontada, sofrendo uma espécie de auto julgamento moral. Leo Grande ao questioná-la se estar ali para vivenciar tais experiências não era também uma escolha pensada/racional, colocando a protagonista contra parede, fazendo-a pensar sobre o que sente, sobre suas vontades e o que a impede de efetivamente concretizar seu desejo. Essa questão nos fez pensar que, Nancy, em sua fantasia, imaginava que o seu “tesão” se afluaria ao se deparar com a imagem de um rapaz mais jovem e atraente, que seria esse o fator que a faria chegar ao ápice do prazer, mas seu ponto de conflito, o nó que existia entre aquilo que ela desejava e aquilo que ela achava proibido desejar, era ela própria. Com isso, percebemos na personagem um sentimento que vai de encontro ao que Byung-Chul Han (2017), em seu livro *A agonia do Eros*, aborda: o medo de gerar possibilidades de contato em que o afeto/desejo, a partir de uma lógica contrária a que se imbrica ao capitalismo^[2] e a ideia de um sujeito de desempenho^[3], siga outro caminho que não o de olhar o outro a partir de uma perspectiva de uso e de satisfação pessoal de prazer, contrária a uma lógica de *poder*, pois, assim como afirma bell hooks, , “se o desejo de poder predomina, o amor estará ausente” (2020, p. 134). Nesse caso, a partir do fragmento do filme exposto, o medo da protagonista de mergulhar em si mesma e no *outro*, de permitir que nesse mergulho o *outro* a acompanhasse, sem transformar a relação sexual em algo mecanizado e robótico, se mostra como uma forma de inviabilizar um contato mais sincero da personagem com seus próprios sentimentos e com aquele que lhe causava tais sensações. Por esse motivo, em nossa análise, em todas as cenas em que ela sente esse desejo submergir de forma natural, ao se dar conta, ao racionalizar, ela impede e o impele. Essa ambivalência do desejo de Nancy começa a ganhar outros contornos, e uma maior profundidade, no fim do primeiro encontro/arco, desaguando na cena em que a personagem toca mais profundamente naquilo que revela parte de suas frustrações com seus desejos:

Leo Grande passa as pontas dos dedos no braço direito de Nancy e pergunta:
 — O que a faria entrar no clima de novo? O que seu marido faria para começar tudo de novo?
 Nancy, reflexiva, hesita um pouco e diz, com pausas, enquanto se deita completamente na cama:
 — Bem...Ele tiraria a roupa e se deitaria na cama. Sem vestir o pijama. E eu tiraria minha roupa, colocaria a camisola e me deitaria ao lado dele. E então ele acariciaria meus ombros e seios um pouco... vinha por cima, fazia o serviço, beijava meu rosto, rolava para o lado, vestia o pijama e dormia.
 Com uma expressão de surpresa, Leo questiona:
 — Era isso?
 — Sim.
 — Sempre?
 — Sempre, responde Nancy rapidamente, e continua: nada de novo durante 31 anos.

- Esse é o único sexo que já fez?
 — Correto.
 Leo Grande não consegue esconder o choque:
 — “Uau”.
 Nancy dá um risinho como quem diz “sim, era só isso” e diz:
 — “Uau” mesmo.
 — Nada de sexo oral?
 — Não.
 — Nem mesmo nele?
 — Não, dizia que era humilhante.
 — Para você?
 — Para ele.
 Leo ri, desacreditado:
 — Certo. Certo, imagino que pensava o mesmo sobre fazer em você.
 — Sim, disse que era humilhante para ele também, responde com olhar fixo no nada e com uma expressão triste e decepcionada no rosto.
 — Então nunca recebeu?
 Nancy responde que não com o movimento da cabeça e complementa em palavras:
 — Não. Nunca recebi. Nunca fiz.
 — Você quer?
 — Sim, eu quero. Quero muito. Eu sempre quis, responde começando a se emocionar e continua, com a voz em tropeços pelo choro: Desculpe. Desculpe por chorar. É idiota. (Boa Sorte, Leo Grande, 2022, 29min05seg - 32min20seg)

Durante o início desse diálogo, Nancy está sentada, com o corpo rígido. Ao começar a contar sobre como ocorria a relação entre ela e seu marido, a personagem se deita e percebemos, em cena, seu corpo ficando, aparentemente, mais relaxado. Todo o seu enrijecimento corporal, que se revela também em seu discurso, na forma como vê o mundo e o desejo, se mostra na verdade como uma grande frustração por, em 31 anos de casada, não ter tido a oportunidade de experimentar e expor o que tinha curiosidade no âmbito sexual entre ela e o *outro*. O choro, que culmina em uma espécie de culpa por mostrar parte daquilo que ela tinha vergonha em si mesma, traz à superfície a fragilidade de uma personagem que se esconde atrás de pensamentos conservadores, na busca de camuflar suas próprias vontades. Esse choro, para além da culpa e da vergonha, deságua na confissão da primeira vez, e talvez única, em que Nancy sentiu no olhar do *outro*, e na resposta de seu corpo, um desejo genuíno: em uma viagem com seus pais para Grécia, ainda com seus 17 anos, ela se depara com um garçom que a olhava como se fosse a “coisa” mais deliciosa que ele já havia visto: “senti como se meu corpo se tornasse água” (Boa Sorte, Leo Grande, 2022, 31min15seg - 31min20seg). A água, como o desejo, abre caminho apesar dos obstáculos, e ganha mais força se represada. Em uma das noites da viagem, depois que seus pais já haviam dormido, a jovem Nancy saiu do hotel para tomar um ar. O garçom, que por acaso estava do lado de fora após o fim de seu turno, se aproximou dela, lhe deu um beijo no pescoço e pôs uma de suas mãos por debaixo de sua roupa íntima:

“senti sua mão deslizando lá embaixo e me joguei na direção dele. Foi a sensação mais louca e excitante que tive na vida. E então um carro ligou, os faróis acenderam, e ele se assustou e saiu. E no dia seguinte, nós voltamos para casa. Queria ter ficado por mais um dia” (Boa Sorte, Leo Grande, 2022, 31min55seg - 31min21seg).

Leo Grande, então, lhe dá um beijo, e a protagonista, ao contrário de em todos os outros momentos até essa cena, não o repele, deixando que seu desejo flua: ao expor algo íntimo, sensível, surge, então, a *conexão*. E esse ato de se conectar “é precisamente uma relação com o outro, que se radica para além do desempenho e do poder. Seu verbo modal negativo é *não-poder-poder*” (HAN, 2017, p. 25), e isso porque o afeto, ou o *Eros*, segundo Han (2017), ocorre em um lugar de alteridade em que o *poder* fica impossibilitado de existir, pois a relação ocorre no lugar do fracasso, na deriva do caminho em que o *eu* e o *outro* constroem em conexão.

2º ENCONTRO OU 2º ARCO: PRIMEIRA METADE

Já na primeira cena do segundo arco vemos o corpo de Nancy mais relaxado, tomando, pelo menos inicialmente, uma forma mais segura e mais à vontade com Leo Grande.

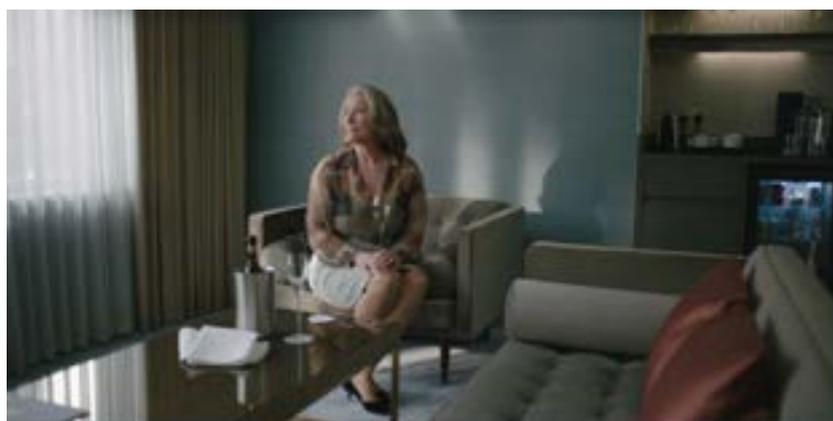


FIGURA 5: cena com Nancy Stokes que abre o 2º arco.

Fonte: Boa sorte, Leo Grande, 2022, 32min48seg.

Nancy, logo após a chegada do personagem, diz ter feito uma lista com o que tinha vontade de fazer naquele encontro, com o intuito de otimizar o tempo e realizar suas vontades. A partir dessa lista, que aos olhos de Leo é extensa, se desenvolve as questões que serão trabalhadas nesse segundo momento entre eles. Aqui, para além do aprofundamento que a narrativa dá

sobre as amarras e inseguranças da protagonista, nos interessa pensar mais detidamente sobre o desenvolvimento de Leo Grande, pois, mesmo que de forma ainda sutil, a história dá mais espaço para vermos um lado mais humanizado do personagem, além dos conflitos que tem consigo mesmo e com a figura materna. O primeiro momento em que esse elemento aparece na narrativa é quando Nancy, ao se preparar para realizar o item número um de sua lista, que era fazer sexo oral, se vê interrompida por uma ligação de sua filha. A personagem corre para o banheiro e, durante o período em que fica sozinho, Leo Grande se direciona para frente do espelho e se observa. A câmera foca no espelho, o que lhe causa uma leve distorção. Nós vemos, então, o reflexo da imagem visto pelo protagonista. A cena não tem diálogo, apenas a trilha musical ao fundo que sugere aprofundamento e reflexão sobre o que está sendo visto, e o olhar de Leo Grande sobre si mesmo, com uma expressão que mergulha dentro de si e da sua própria imagem, daquilo que se vê: no caso, ele mesmo sob seus próprios olhos.

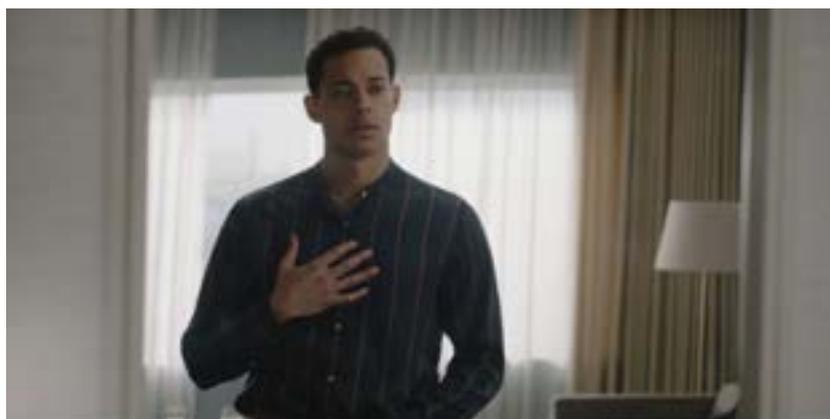


FIGURA 6: Leo Grande olhando a si próprio no espelho.

Fonte: Boa sorte, Leo Grande, 2022, 38min39seg.

O segundo momento em que essa questão aparece é quando, pela segunda vez, os dois são interrompidos por uma ligação da filha de Nancy. Dessa vez a protagonista não entra para o banheiro. Enquanto conversa com sua filha, Leo se aproxima da janela e observa, com o olhar perdido e reflexivo, fitando o mundo para além daquele quarto de hotel. A paisagem sonora da cena nos permite ouvir a voz abafada de Nancy ao telefone mesclada a sons de gaivotas, enquanto o enquadramento da câmera se mantém fixo em Leo Grande. A protagonista desliga e o seguinte diálogo se inicia:

Nancy se ajoelha no *recamier* e comenta:

— É muito estressante ser mãe, Leo. É um estresse que nunca te abandona. É como um dedo na ferida. Às vezes, meus filhos são como um peso morto em volta do pescoço. Não sei se os teria se soubesse disso.

A expressão de Leo parece confusa, como se a última fala de Nancy suscitasse algum sentimento de desconforto.

— O que quer dizer?
 — Poderia ter feito muitas coisas se não fosse mãe.
 — O que teria feiro?
 — Não sei. Atravessado o deserto a cavalo. Criado uma colônia de artistas em uma pequena ilha? Tido um orgasmo?
 — Acha que uma massagem seria inadequada nesse momento?
 Nancy Stokes o olha com surpresa e responde:
 — Não. Não, não acho.
 Leo Grande se aproxima, senta-se no *recamier* e Nancy se recosta entre suas pernas. Ele inicia a massagem. Ouvimos, então, uma música reflexiva de fundo, a mesma de quando o rapaz, instantes antes, se olhou no espelho. Com um olhar vago e uma expressão profunda, pergunta:
 — Acha que seus filhos podem sentir? A sua decepção com eles?
 — Não sei, Leo. Eu duvido. Acho que não estão nem aí para mim.
 Leo, ainda fazendo massagem, mantém o olhar vago, como se a pergunta direcionada a Nancy fosse uma tentativa de entender a relação com sua própria mãe. Nancy continua:
 — Você percebe quando sua mãe está decepcionada?
 Leo Grande para de fazer a massagem. Nancy levanta o rosto e complementa a pergunta:
 — Está preocupado que ela se decepcione se souber o que faz? (Boa sorte, Leo Grande, 2022, 44min46seg - 45min30seg).

Leo, então, volta à *performance* de homem seguro e diz a Nancy que não há como sua mãe se decepcionar, já que, segundo a história que ele conta, está trabalhando em uma plataforma de petróleo. E segue dizendo que para ela, a protagonista, ainda há tempo. Ela nega, e ele completa dizendo que está falando sobre ter um orgasmo e não sobre outra questão. Nancy sente os braços de Leo e os toca com a mão. Com um olhar que revela desejo, pede que ele tire a camisa. Ao ver seu corpo sem vestimenta, a personagem pede para tocá-lo, e sentimos em sua fala certa hesitação, como se tivesse voltado a sentir o mesmo sentimento de quando o garçom a tocou pela primeira vez. A câmera, nesse momento, foca bem no rosto dos dois, nos detalhes do toque e de suas expressões. Sentimos nesse movimento, nessas ações, o desejo de Nancy se aflorar, até o ponto que ela racionaliza o que está ocorrendo e, como das outras vezes, repele o desejo. Ela se afasta e, como desculpa, diz que essa sensação é porque nunca sentiu alguém como Leo: musculoso, em forma, como um modelo. O protagonista pede que a personagem se aproxime dele e, de frente para o espelho, os dois se olham. Nancy diz sempre ter tido vergonha de seu corpo e elenca diversas características em si mesma que a afastam de um corpo "ideal". Leo, então, diz também ter inseguranças com sua autoimagem: "isso é difícil de imaginar" (Boa Sorte, Leo Grande, 2022, 50min49seg - 50min52seg), responde a protagonista, mas Leo rebate: "se eu não fosse assim, você poderia não ter me escolhido. Ou me desejado" (Idem, 50min51seg). Nessa cena, os olhos de Nancy sobre si mesma são os mesmos olhos de quando Leo Grande, após a protagonista entrar no banheiro, tem sobre si.



FIGURA 7: Nancy Stokes.

Fonte: Boa sorte, Leo Grande, 2022, 51min47seg.



FIGURA 8: Leo Grande.

Fonte: Boa Sorte, Leo Grande, 2022, 38min44seg.

Essa relação com o corpo, que gera questões, conflitos internos e uma distorção entre aquilo que se é e aquilo que se vê, nos leva às discussões que Michel Foucault (1988), em *História da sexualidade 1: a vontade de saber*, Judith Butler (2016), em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* e Paul B. Preciado (2022), em *Eu sou o monstro que vos fala*, fazem. Leo Grande é capaz de ver beleza no corpo de Nancy Stokes, mas se mostra tão frágil quanto a personagem — apesar de mais camuflado por trás de uma aparência e um corpo que se aproxima mais do que socialmente se trata como padrão — quando seus olhos se voltam para si mesmo. Michel Foucault fala sobre o “dispositivo da sexualidade”, que controla os corpos e, conseqüentemente, o modo como nos vemos e nos sentimos no mundo. Paul B. Preciado aborda em sua palestra para psicanalistas como todos os corpos vivem em uma prisão, e como estar mais próximo da norma dificulta a percepção de que todos nós somos violentados pelo sistema que molda o modo como devemos nos portar, ser e existir, nos fazendo tratar como natural determinados tipos de *performance*^[4] (Butler, 2016) de corpo/de gênero. Nancy, apesar de ser uma mulher branca, inglesa, se encontra em uma fase da vida que o direito ao desejo lhe é negado duplamente: primeiro por ser mulher e segundo por não ser mais jovem. Leo, sendo um homem negro e irlandês, se beneficia da juventude e de um corpo ainda desejável, porém, no fim do filme, descobriremos que o personagem teve seu primeiro afeto, o materno, negado exatamente por ser quem era e por ser aberto ao desejo em suas mais variadas formas. Além disso, ter um corpo que o aproxima da norma lhe coloca em um lugar de objeto, tendo em vista que para ser desejado é necessário que a imagem de seu corpo cause desejo dentro das regras estabelecidas socialmente: ser musculoso, forte, como um modelo.

3º ENCONTRO OU 3º ARCO: SEGUNDA METADE

O terceiro arco começa com Nancy Stokes recebendo, pela primeira vez, sexo oral de Leo Grande. Seu rosto está calmo e o corpo, aqui, está ainda menos enrijecido. Ao terminar, a personagem avalia positivamente por ser a primeira vez que sente a umidade de uma língua em suas partes íntimas, mas diz não ter chegado ao orgasmo.



FIGURA 9: cena que abre o terceiro encontro dos personagens.

Fonte: Boa sorte, Leo Grande, 2022, 1h5min.

Essa terceira parte é bem curta, e serve como ponte para o último arco: Nancy diz ter descoberto a verdadeira identidade do protagonista, seu verdadeiro nome, Connor, acreditando que isso geraria uma aproximação entre eles. O que ela não leva em consideração é que em diversos momentos ele havia estabelecido um limite claro de que não queria que sua identidade como Leo Grande fosse ultrapassada, que havia um limiar entre sua vida pessoal e seu trabalho. A protagonista se demonstra bastante insensível, tropeçando cada vez mais em suas colocações. Aqui descobrimos que a mãe de Leo, na verdade, o matou simbolicamente. Vemos um personagem machucado pela dor de se perceber não aceito por aquela que deveria aceitá-lo como ele é: "acho que ela nunca, jamais, realmente me viu. Ou se viu, ela não gostou" (Boa Sorte, Leo Grande, 2022, 1h15min - 1h16min). Após, discursivamente, mostrar como o comportamento conservador de Nancy lembrava o de sua mãe, Leo sai do quarto irritado e decepcionado. Com isso, a protagonista, sozinha, se sente culpada e percebe, no fim, o erro pela ação. O arco fecha com cenas do quarto vazio, calmo, sem conflito, em silêncio: ou seja, sem qualquer resquício de afeto.

4º ENCONTRO OU 4º ARCO: O FINAL

No último arco da obra, temos pela primeira vez uma cena de encontro dos dois em um local externo ao quarto.



FIGURA 10: cena que abre o último encontro dos personagens.

Fonte: Boa sorte, Leo Grande, 2022, 1h18min.

No restaurante, uma ex-aluna da professora, que trabalha no local, reconhece Nancy. Ela, grosseiramente, tenta fazer com que a jovem saia rapidamente de perto por receio de ser vista com Leo Grande, o que nos faz imaginar não ter havido mudança no comportamento da personagem. Leo chega, se senta à mesa, e os dois iniciam a conversa. A partir daí percebemos, ao contrário do que nos faz imaginar os primeiros minutos do arco, que houve um amadurecimento de Nancy Stokes, pois ela fala mais intimamente sobre seus sentimentos e sobre como o protagonista a ajudou: ela comenta que a realização sexual a fez se sentir invencível e poderosa, e que gostaria de ter percebido isso antes para ter feito em si mesma mudanças necessárias. A personagem também comenta que falou com suas amigas sobre o trabalho de Leo Grande, por ver que estas, a cada ano que passavam, estavam desaparecendo, se encolhendo, por não se permitirem vivenciar seus desejos. A protagonista, então, revela seu verdadeiro nome para Leo: Susan Robinson, e completa dizendo que nunca havia feito nada que a desviasse das regras, sendo Leo Grande sua única aventura de verdade. Nesse momento, é a primeira vez que ela nomeia o que sentiu pelo personagem como desejo, e como isso a enlouqueceu, a “desviou” do caminho. E termina se desculpando. Essa abertura abre margem para que Leo Grande, agora como Connor, se abra e fale sobre sua vida particular. Ele inicia dizendo que contou ao seu irmão com o que realmente trabalha. A forma como ele aborda o assunto nos faz imaginar que não houve julgamento por parte de seu familiar, pois seu irmão havia dito que já imaginava que a história da plataforma de petróleo não fosse real. Além disso, o personagem também expõe sobre as questões que

envolvem sua mãe, e conta o que realmente aconteceu: em uma noite em que ele achou que ficaria sozinho, chamou os amigos da escola para irem à sua casa. Ouviram música, tomaram vinho e, então, tiveram relações, “todos juntos, um pouco de tudo acontecendo... Descobrimo uns aos outros...” (Boa Sorte, Leo Grande, 2022, 1h26min e 1h27min). Para surpresa de todos, sua mãe chegou com um vizinho em casa e viu toda a cena: “nunca vou me esquecer da expressão em seu rosto. Humilhada. Tão envergonhada. Tentamos por semanas consertar as coisas, mas... sua decepção era grande demais. Tive que ir embora” (idem, 1h26min e 1h27min). A partir de então sua mãe disse que nunca mais falaria seu nome e que o trataria como se tivesse morrido. Nesse momento descobrimos que a rejeição da mãe de Connor ocorre exatamente porque ela não soube ou não conseguiu ter sensibilidade suficiente para entender que o desejo de seu filho poderia se manifestar de diversas formas. A mãe de Connor era como Susan Robinson antes de conhecê-lo e se permitir vivenciar outras experiências dentro do âmbito do desejo. A história de Connor sensibilizou ainda mais Susan, para além de tudo que ela já havia experienciado junto ao rapaz até então. Essa sensibilidade a fez repensar sobre suas próprias ações, culminando em um pedido de desculpas a sua ex-aluna por sua má conduta como professora. Os dois, então, sobem para o apartamento e, como fechamento, ocorre, pela primeira vez, uma cena de sexo explícita no filme, com enquadramentos poéticos e que buscam trazer naturalidade à ficção. Nancy, mais uma vez, não consegue chegar ao ápice, enquanto Leo Grande, sim. O personagem vai em sua bolsa buscar alguns acessórios para que possa ajudá-la a gozar. Nancy observa o corpo do protagonista e, em seu olhar, sentimos o desejo fluir em seu corpo sem barreiras: a personagem, então, movimenta sua mão para sua parte íntima e, permitindo-se sentir desejo, tem um orgasmo a partir de seu próprio toque. Nesse momento percebemos que Leo a ajudou na descoberta de si mesma e de seus desejos, mas foi Nancy, sozinha, que descobriu o prazer em seu próprio corpo, com o toque de suas mãos. Os dois se despedem e o filme fecha com uma das cenas mais bonitas da obra. Susan Robinson, interpretada corajosamente por Emma Thompson, se admirando e percebendo beleza em seu corpo após anos de repressão sobre si mesma.

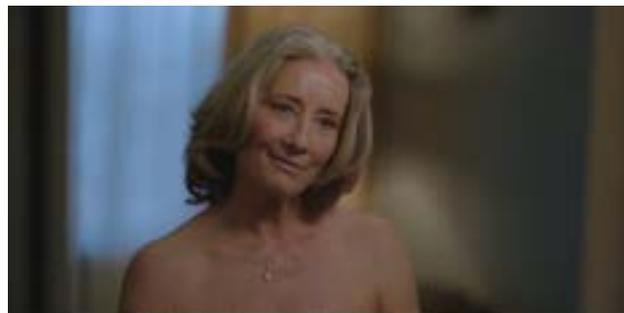


FIGURA 11 E 12: Nancy Stokes.

Fonte: Boa sorte, Leo Grande, 2022, 1h35min.

PALAVRAS FINAIS

Boa sorte, Leo Grande (*Good Lucky to you, Leo Grande*), de Sophie Hyde, carrega uma beleza ímpar por trazer à narrativa, de forma muito sensível, questões que atravessam o corpo, a sexualidade, o afeto e o modo como socialmente podemos lidar com os nossos desejos. As personagens, dentro de um único cômodo, descobrem sobre a si mesmas e revelam na tela indivíduos que carregam parte daquilo que nos tornam humano: o paradoxo, o conflito, nuances que os movimentam para o bem e para o mal, de forma que hora nos causa raiva, hora nos sensibiliza. *Leo Grande*, que de início parece ser um rapaz “perfeito”, ao ponto de beirar ao fictício, no decorrer do filme evidencia que sua sensibilidade com o *outro*, com Nancy Stokes, parte de um lugar de dor: na sua juventude, ao ser visto por sua mãe vivenciando seu desejo de forma ingênua e genuína, se descobrindo, ao invés de ser acolhido, foi rejeitado, tendo, então, o afeto negado por aquela a quem amava. Sendo assim, a busca do personagem em gerar uma conexão com Nancy para que a relação sexual ocorresse de forma mais orgânica, parece permear um movimento de tentar agir de forma contrária ao modo como sua mãe lidou ao vê-lo vivenciando seus desejos. Assim como a protagonista, nós, espectadores, não entendemos de primeira, mas somos levados pela narrativa conforme nos aprofundamos em cada uma das personagens. A relação dos dois protagonistas abre margem para pensarmos como o local do desejo, do afeto, é reprimido por sermos ensinados que essa é uma zona proibida: dar ouvidos ao desejo está, muita das vezes, aliado ao que é sujo, aos instintos primitivos, ao corpo, ao que deve permanecer oculto, ao que nos dá vergonha. Não à toa, Nancy, sempre que se via de frente a essas sensações, racionalmente reprimia, pois o desejo, para a personagem, é/era lido como algo que não lhe passa pela mente, um local sagrado e que nos liga com aquilo que é “moral” e “certo”.

A obra, desde o início, quebra com nossas expectativas por se tratar de uma narrativa que, resumidamente, parece pairar o banal: uma mulher com cerca de 60 anos que contrata um garoto de programa, na casa dos 20 anos, para ter um dia de prazer. Essa quebra, que ocorre a todo momento no filme, cria um teor cômico, mas também com grande grau de sensibilidade, jogando com diálogos e cenas poéticas que rompem com o imaginário pornográfico do que podíamos esperar de uma mulher mais velha que contrata um rapaz mais jovem para vivenciar desejos fugazes. Essa premissa que, inicialmente, pode parecer rasa, ganha outras camadas e uma maior profundidade conforme mergulhamos na narrativa, tendo saídas inteligentes e nos fazendo pensar como as questões referentes ao desejo podem tomar dimensões maiores do que imaginamos dentro do *outro* e, conseqüentemente, dentro de nós mesmos. Como diz *Leo Grande*, seu trabalho deveria ser um “serviço público”, não porque todas as pessoas devam ter acesso a garotos de programa, mas porque desfazer as questões que estruturalmente temos com o nosso desejo é algo que pode nos “libertar”, assim como Susan Robinson se sentiu “livre” após

se permitir sentir, deixando de dissociar o corpo e a mente, seu desejo e o desejo e afeto do outro pelo seu próprio corpo. Susan, assim como Connor, tinham grandes questões com seus desejos e com o olhar que tinham para si mesmos. Connor, talvez, tivesse menos que a protagonista. Mas, em nossa perspectiva, os dois sentiam em si a falta de afeto: Connor por ter sido rejeitado pela mãe por conta da forma que seu desejo se expressou, e, Susan por nunca ter se permitido experimentar o que desejava por seu autojulgamento e pelo modo como foi ensinada sobre o que era “certo” e “errado” no campo do desejo/afeto.

Essa percepção dos dois só foi possível pelo fato de tanto Connor como Susan se permitirem ao encontro, à possibilidade de transpassarem as estruturas de *poder*^[5] (HAN, 2019) que enrijecem não só seus corpos e comportamentos, mas também seus afetos e desejos, de modo que, ao se *conectarem*, puderam enxergar o *outro* e a si próprios num ato de verdadeira redenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BOA sorte, Leo Grande. Direção: Sophie Hyde. Reino Unido, Searchlight Pictures, Genesis Pictures, Cornerstone Pictures, Align, 2022. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=0GKz30pLI3E&ab_channel=YouTubeMovies >. Acesso em: 12 de julho de 2023.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- HAN, Byung-Chul. **A agonia do Eros**; tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- _____. **O que é poder?**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.
- PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- _____. O que é contrassexualidade?. In: HOLLANDA, Helosa Buarque de. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise filmica**. Campinas – SP: Papyrus, 1994.

-
- [1] As transcrições das falas foram retiradas da legenda oficial do filme em português brasileiro.
- [2] Zygmunt Bauman (2004), no livro *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, fala sobre como o pensamento capitalista influencia, inclusive, no modo como os indivíduos se relacionam entre si, fragilizando e mercantilizando as conexões de amor/afeto.
- [3] Para Byung-Chul Han a sociedade do desempenho é dominada pelo verbo *poder*, gerando coerções massivas, pois o “tu podes” faz com que o sujeito do desempenho se fragmente por conta do movimento de autoc coerção. No caso, a possibilidade de poder *poder* gera no indivíduo uma sensação de liberdade e de possibilidade de escolha, jogando sob sua responsabilidade, inclusive, culpa por todo o seu fracasso. Sendo assim, o campo do desejo e do afeto acaba sendo positivado, de modo que o *outro* ocupa apenas um *status* de produto a ser consumido para o prazer do “eu”, não permitindo que haja relações mais sólidas e com maior grau de *conexão*.
- [4] Judith Butler discute em seu livro sobre como o gênero é *performativo*, aprendido, de modo que se é esperado socialmente que, dependendo de em que lugar você se encaixe, o corpo dos sujeitos aja/se porte de determinada forma.
- [5] Para Byung-Chum Han (2019) o *poder* age de modo a se continuar no *outro*, a apagar a possibilidade de alteridade, pois “sensação de desejo, que puxa para si o ganho de poder, é uma sensação de liberdade”, sendo assim, “impotência significa estar entregue ao outro, *se* perder no outro. Poder, em contrapartida, significa estar no outro em *si* mesmo” (p. 97). Ou seja, o *poder*, nesse caso, impossibilita a possibilidade de *conexão*, tendo em vista que para que ele exista é necessário que o *outro* se torne um espelho de mim e das minhas vontades.